12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

OS RECRUTAS

Bandos de rapazes dos arredores, com os seus pitorescos trajes, invadiram a cidade para a incorporação militar. No meio da monotonia de Lisboa, o seu ar saudavel e a sua indumentaria caracteristica aparecem como uma alegre saudação do campo. Oxalá os seus braços aprendam depressa o manejo das armas para as trocarem pela prosaica enxada, de gloria humilde mas sagrada

DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 1

LISBOA 18 DE JANEIRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO Ilustrado*

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — Rua D. Pedro V, 18 — EDITOR E DIRETOR GERENTE *EDUARDO GOMES* — IMPRESSÃO: — 99, Rua da Rosa, 101

AO PUBLICO

UM jornal destinado a *toda a gente* terá que principiar por servir as predileções geraes, substituindo o enfático *eu quero* pelo liberal *vós quereis*.

Quanto mais dificil se me afigura crear a revista popular: artes, historia, sciencias, civismo, virtudes, bom gosto, — do que cumprir os programas imperativos dos acatados jornaes de opinião e das revistas literarias, onde o verbo aparece sempre na primeira pessoa!

O *Domingo ilustrado* é logo convidativo no seu titulo. Domingo! dia do descanço, sem apitos de fabricas, sem ponto nas repartições, dia de missa e da familia, das visitas aos amigos, do passeio, do cinema, do teatro. Dia egualitario, em que a todos é distribuida a riqueza do repouso.

Jornal-revista, que responda ás mil curiosidades vulgares e necessidades habituaes do maior numero; que seja de tudo e de todos; que se dispense de ter uma categoria pelo designio de as servir a todas, procurando e encontrando as afinidades evidentes ou reconditas que entre as várias classes subsistem pela condição de uma vida comum, — eis o dificil programa do genero de jornal que se oferece ao leitor.

Como na instrução, de que ela é, aliás, indisciplinada função, a imprensa tem os seus gráus progressivos. Só a dificuldade em crear um orgão de simplificação e de generalisação explica porque em Portugal não conheçamos senão dois géneros de publicidade jornalistica: o politico e o informativo.

E é assim que podemos com propriedade usar da veneranda frase feita, herdada dos antigos e jactanciosos almanaques: O *Domingo ilustrado* «vem ocupar um logar vago» na imprensa portuguesa: vago desde os ingénuos periódicos recreativos do romantismo setembrista e cabralista.

Não será o jornal de Lisboa ou do Porto — será o jornal de Portugal. Ha de diligenciar tornar-se necessario como a iluminação, a viação, o correio; e poderá, como nenhum outro, ensinar Portugal aos portugueses, pois que somos um pais que não sabe lêr-se a si-proprio; tornar-se escóla primaria de bom gosto e de patriotismo; transportar ideias e difundi-las como vento espalha o polen. Então, *servindo*, dirigirá; *obedecendo*, guiará; despretenciosamente, educará. O seu sumário serão os acontecimentos. O Terreiro-do-Paço consistirá apenas para ele numa magestosa praça de frio estilo classico. A politica ser-lhe-ha tão indiferente como ás pombas bravas do arco da rua Augusta. A belesa de Lisboa o preocupará mais do que os seus mexericos. Nele, Portugal será um pais de trabalho e de recreio, de fabricas e romarias, de vinhedos e de olivais, de monumentos e de paisagens, de lirismo e de pitoresco, de cultura e de esporte: não arena de lutas e de discordias. As suas intenções serão apenas entreter, divertir, explicar, animar, vulgarisar, ensinar. Ao mesmo tempo sintese e comentario, quererá ser jornal, revista, cinema, historia, consultorio, humorismo e sentimento: Portugal posto em texto e em gravura.

O infante D. Henrique deu-nos, ha muito tempo, uma divisa a todos nós, e que tanto pode servir ao povo como aos principes: *Talento de bem fazer*. Foi com pescadores que ele principiou a aplica-la ás suas empresas. A náu da India começou por sêr barinel de pesca. Assim se pescaram a Africa, o Oriente e o Brasil.

Confio em que a divisa do Infante aqui será aplicada: talento de bem imaginar, talento de bem fazer, talento de bem compreender, talento de bem trabalhar.

Que este *Domingo ilustrado* seja sempre bem folgado, bem divertido, — e sempre esperado, como o do calendario, com prasenteira anciedade!

CARLOS MALHEIRO DIAS

écos

A' semelhança do «Petit-journal ilustré» ou do «Excelsior-dimanche» de Paris, do «Domenica del Corriere de Roma, e de tantas publicações congéneres, o «Domingo ilustrado» tentará em Portugal o jornal popular na sua grande acepção. Sob o aspecto material não é «O domingo ilustrado» nem melhor nem peor que os seus camaradas extrangeiros. Para que, porem, os exceda basta que o público português o queira, interessando-se pela sua vida e fazendo dele a sua publicação domingueira, habituando-se a saber ler num jornal alguma coisa mais do que a reportagem diaria da rua, e merecendo bem o esforço honesto que este papel representa.

Dentro dum ano, de alguns mezes, mesmo, com boa aceitação do publico e honesta persistencia da nossa parte, o «Domingo ilustrado» pode honrar a imprensa do seu país. Até lá, faremos o melhor que pudermos, dentro do circulo asfixiante que as iniciativas deste genero tem num meio inculto, pequeno e pobre como o nosso.

O publico que nos perdoe as deficiencias naturais do começo, que nos ajude acorrigi-las, trabalhando comnosco numa obra em que ha uma profunda bôa vontade de acertar, um culto sincero pelo bem estar da comunidade e um desinteresse muito maior do que é costume.

NO Brazil ha muito que se promulgou uma lei que restringe o uso de titulos estrangeiros para as casas comerciaes e para certos productos da industria nacional.

Pergunta-se, e com certa rasão, se não seria interessante entre nós fazer pagar o pedantismo de certas taboletas que se exibem em Lisbôa. Cremos que a unica dificuldade seria, não sendo elas escritas em português, encontrar o idioma onde se pudessem encaixar.

A que lingua pertencerá a «Petitte Panificação», o «Petit Suisso», o «E'lite Foot-Ball Club», e tantos e tão disparatados titulos?

...TE no Largo das duas Egrejas uma ve... e vende, em leque, sobre a lage da egreja, os jornais de Lisbôa.

... pobre mulher sem politica, que aca...nhosamente a «Epoca» onde reza o ...ernando d e Sousa, com o «Rebate» ...rico e ironista, esbraceja verrumadas ...Bulhão Pato. Monarquicos, republi... ...melhidões da «Batalha», mesuras do ... Manhã» — tanta febre, duma noite ... sarcasmo, tanta lucta, tanto san... vai parar, tranquilo e morto, na ...gualdade dos mortos, entre os de... da velhota, ao leque de jornais ...sdobra todas as manhas como um ... sobre a lage da Egreja...

KILOMETRAAGEM

Chico, como é que tu fazes 100 kilometros com 10 ... — e eu com dez litros não faço 100 metros...?

LISBOA começa a ter a ternura das suas aves. São os pardais do Camões, os Pombos do Terreiro do Paço, que fugiram para lá do Rocio; é o corvo da Biblioteca, que vem todas as tardes de passeio desde a carvoaria do Ferregial, todos vivendo na mais santa paz de aldeia grande.

As aves das cidades, mais comerciais o mais proletarias que as do campo, passam um vida especial.

Os pardais do Camões tem o mais pontual e leve horario de trabalho que se possa imaginar.

A's 7 1/2 já chove queijo-manteiga na praça, e ás 8, dorme tudo, ainda quando as «midinettes» do Chiado, não chegaram aos lares distantes...

AOS NOSSOS AGENTES

A todos os nossos agentes, tanto da provincia como das ilhas, Colonias e Brazil pedimos o favor de nos enviarem com a nota de despeza, fotografias que possam obter sempre que qualquer facto lhes pareça digno de registo nas nossas paginas.

comentarios

Partiu para a Grecia o Sr. Pappaleonardos, vice-consul daquele paiz entre nós — é uma informação do noticiario de ha dias.

Este extranho nome do funcionario grego — extranho pelo menos entre nós, — justifica o alarme destas linhas. Um nome — esta especie de marca registada que todos nós trazemos — não se transporta impunemente atravez um continente inteiro.

Não é a primeira vez que diplomatas extrangeiros são forçados a não exibirem as suas graças nos paízes onde se encontram, por resultarem inconvenientes ou ridiculos.

Certo ministro chinez em Madrid tinha tal nome rebarbativo que toda a côrte reclamou mais decencia de apelidos — estando eminente um conflito internacional por causa de duas silabas.

O Sr. Pappaleonardos hade ter tido a acolhê-l'o muitas vezes um sorriso evocativo, que êle não sonha de certo o que quer dizer...

AS NOSSAS CAPAS

O sistema de gravura e de desenho do nosso jornal será sucessivamente aperfeiçoado. Num periodico desta natureza o primeiro numero é sempre o peor.

A nossa 1.ª pagina é uma nota pitoresca da vida citadina desta semana. A ultima uma nota dolorosa e confrangedora. E' assim a vida. Os braços que sobejam na cidade e se erguem para o ar pedindo pão, escasseiam no campo para o cultivar.

Deus fez a terra, e tudo o que se vê,
numa labuta sobrenatural;
depois, talvez prevendo a C. G. T.,
instituiu o Descanço Semanal.
Em Portugal,
— a patria augusta de José Fontana, —
ha muito cavalheiro
que preconisa o exemplo celestial,
applicando-o primeiro
á esphera exigua da potencia humana;
e assim, quer um descanço semanal
que dure uma semana...
Eu, como sou conservador,
intransigentemente,
adoptei uma norma bem melhor
que recomendo a toda a gente:
— ver o que os outros fazem nos seis dias
chamados — Dias Uteis, —
estudar-lhes as dores e alegrias,
importantes ou futeis;
e, bem visto o trabalho a que se lançam,
então é que eu me vingo!
Começo a trabalhar quando descançam,
ou seja, no Domingo.
Mas, como a vida está paralysada,
quer chova ou faça sol,
e a veia commercial está fechada,
e não se vende e não se compra nada,
e a alta finança vae ao futebol,
sento-me neste canto do jornal,
e, de outro assumpto á mingua,
activamente me arremesso
a fazer troça, a dizer mal;
— num trabalhinho da má-lingua
que todos têm, mas que só eu confesso...

TAÇO

ESPECIALIDADES

— O' patrãosinho, isso não é comigo, é com o calista...

Desde que, por obra e graça da direcção deste periodico, é forçoso que eu e o leitor passemos a encontrar-nos, cada domingo, neste recanto discreto de palestra amena, manda a boa cortezia que eu exponha as razões que me levaram a restaurar neste recem-nascido «Domingo ilustrado», todo fresco ainda nas suas tintas novas, um velho titulo duma velha secção, que subscrevi num jornal ha tres anos desaparecido do numero das gazetas.

Hoje, como ha tres anos, intitulando de «Questão Prévia» este retalho de comentarios, eu cêdo á força convincente do proloquio que diz: «em Roma sê romano», que o mesmo é que afirmar, transferidas as situações do mundo latino para o chalro viver contemporaneo: «em Portugal sê questionador».

O leitor, cuja sensibilidade se choque com a secura parlamentar dos termos que incimam, como rotulo, esta desataviada prosa, não poderá deixar de concordar com o meu ponto de vista, a não ser que, por sua vez e no uso dum legitimo direito, queira fazer «questão» do caso, trazendo um novo elemento á discordia em que, na melhor das harmonias, todos vivemos em Portugal e seus dominios.

Tenham V. Ex.as a bondade de olhar em redor e logo, sem esforço de vista e sem necessidade de vidros de aumentar, verificarão que a vida nacional está eriçada de questões, constituindo, por assim dizer, marcos que delimitam os campos da lusa actividade. E' a questão dos tabacos, trazendo atrelada a questão dos fosforos, porque não ha fumo sem fogo; é a questão cambial, com todas as suas questões inhas adjacentes de interesses de varia ordem; é a questão da carestia da vida, com seus aspectos internacionais do gado argentino e do bacalhau sueco; é a questão colonial, com dividas a mais e altos comissarios a menos; é a questão politica, com os partidos repartidos; é a questão social, agravada com a questão da falta de trabalho; é a questão literaria, entre escolas que se debatem em prosa e verso; é a questão artistica, braza mal extinta sob as cinzas da indiferença do publico, em que novos e velhos, modernistas e classicos, chocaram paletas e pinceis, num arremedo das antigas justas, ambos os campos levantando nos escudos a altiva divisa, por sua dama: a Arte.

Sendo assim a vida nacional alimentada a questões, parece-me oportuno, ia quasi a dizer patriotico, contribuir com a minha acha para a fornalha geradora da actividade, em que se consomem as energias. Simplesmente, e só nisto pretendo distinguir-me dos restantes questionadores a questão que me proponho armar não se des'tina a irritar os animos ou a alterar a ordem: será uma questão pacata, em que o resurgir das grandes indignações será de preferencia substituido pelo murmurio dos comentarios discretos. Não será bem a acha sêca que lhes prometi, a consumir-se em chamas devoradoras, mas o galho ainda verde e estralejante, guardando talvez, na alegria do fogo que alimentar, um pouco da jovialidade ironica do ultimo melro que sobre ele assobiou as suas ironias.

FELICIANO SANTOS

FRAQUEZAS...

— *Admira-me muito que o senhor se queixe, porque o nosso café tem até fama de bom...*
— *Sim... E' uma «bondade» que chega ser a fraqueza...*

Excelentissima Senhora:

Ponha de lado as trinta e oito pastilhas de sublimado com que pretende apagar o pavio da existencia, limpe as lagrimas, tome um pouco de agua de flôr de larangeira para lhe socegar os nervos, faça de conta que sou seu irmão, cunhado, sogro ou enteado e escute:

O seu marido não corre o menor perigo de infecção amoral nesses *clubs* onde anda até ás duas da noite! Não corre, não! Os *clubs* só fazem mal a quem não vai lá! Quer saber?

O «Pandega-Club» é uma casa onde Lisboa despeja todos os que precisam de se aborrecer. A sala principal serve de *restaurant* e ao meio ha um retangulo onde se dança. A uma extrema ficam os musicos que tocam tudo quanto lhes vem á mão. Panelas velhas, cacos de garrafa, pedaços de cadeiras, colchas com traça, chapeus usados, etc. etc. Chama-se aquilo *Jazz-Band*, creio que para significar que quem os ouve uma hora *jáze* para aquela *bande* e nunca mais dá acordo de si. De quando em quando tambem tocam em violinos e pianos mas é raro.

Em volta das mezas estão os *pandegos*, os *estroinas*, os *bohemios*, que se veem muito atrapalhados para não dormir a sono solto. Ha-os de todas as classes, de todos os formatos. Ali se vê o filho-familia que apanhou a distração dos paes, para se escapulir com dez mil reis tirados do mealheiro da tia, o caixeiro da loja de módas que avalia de longe os tecidos que as mulheres vestem, o burguez que cofia a bigodeira e garante que nos seus tempos era tudo muito melhor, o velhote atiradiço e parvo e finalmente o *rapaz fino dos bancos* que não

uza colete para fingir de americano, que traz o cabelo curto para fingir que é inglez e que é estupido para mostrar que é portuguez.

Sabe dizer *interessante*, dança o *fox-trot* com uma ligeireza de calcanhares que parece que tem o curso superior de guarda-freio e quando sente necessidade de abrir a valvula da imbecilidade, finge-se bebado para dizer asneiras ás mulheres, dar pulos de palhaço, bater nos *grooms* e dizer que perdeu dois contos no "*pequeno*".

Em volta andam os "*papillons*", isto é, aquelas raparigas que começam em *manucures*, em coristas ou em creadas de fóra e acabam em velhotas que fazem recados. Chamam-se simplesmente *papillons*, o que quer dizer "*Borboleta de couve*".

Algumas foram mulheres a dias e agora são mulheres ás noites e, sem grande trabalho, a muitas ainda se vê a mancha do cloreto sob o verniz das unhas.

Ora seu marido entra, põe o sobretudo no vestiario e dirige-se para a sala. Se tem cára de quem se intruja facilmente com a soma, um creado vem saber o que deseja, se pelo contrario não paga sem tirar a prova dos nove tem de chamar trez horas por um creado se quizer ser servido.

Ha quem tenha conseguido a atenção do

serviçal ao fim de duas horas e meia, mas isso é um *record* que ainda não foi batido.

Em volta as mulheres estão divertidissimas sempre á espera de qualquer coisa que nunca aparece. Parecem mais figuras de cêra pintadas por amador do que *flores do pecado* como lhe chamam os poetas.

Todas choram quando ouvem cantar o fado dizendo que aquilo é sentimento e, alem de um amante que lhes bate a todas as refeições, teem mais trez que lhes fazem o mesmo nos intervalos. Em geral vestem os vestidos umas das outras para fingir que teem que vestir, são divorcciadas de um rapaz que as enganou e teem uma filha que serve para juramentos.

— Mas. — dirá V. Ex.a — Com tão nefasta companhia, meu marido é um perdido!

Pelo contrario, minha senhora, seu marido é até muito bem achado!

Ao cabo de meia hora repara que as conversas, as caras, as bebidas, as danças, as mulheres e os homens, são os mesmos de todos os dias e então, enchida a cuba do aborrecimento, vae buscar o sobretudo e segue para casa dizendo mal da nossa civilisação.

Ora agora, não concorda que foi muito mal empregado o dinheiro que gastou nas pastilhas de sublimado, e que era uma grande espiga obrigar os seus amigos a gastar setenta mil reis no aluguer d'um trem para a acompanhar ao Alto de S. João?

Não se amofine que os *Clubs* não fazem mal aos láres e se quer uma prova, imponha a seu marido ir durante oito dias a fio a qualquer d'esses *antros de devassidão!*

O desgraçado á terceira vez pede-lhe a alternativa para uma cela do Manicomio seguida de dez anos de fuzilamento em jazigo de primeira classe!

HENRIQUE ROLDÃO

NA BOBONE: EXPOSIÇÃO ALVES CARDOSO

Alves Cardaso, mestre pintor de paizagem e de figura, medalha de honra da Sociedade Nacional expõe agora no Bobone.

Entre as dezenas de exposições individuais que passam por aquela pacata «casa de jantar» burgueza que é o salão Bobone, a exposição de A. Cardoso marca.

Arte seria e honesta de intenções e de processos ha-de fatalmente prevalecer sobre as modas de figurino, que evoluem com as estações e caem como as folhas.

Não salientamos obras expostas porque citar numeros da catalogo é inutil ao leitor. Basta que saiba que a galeria de Alves Cardoso é de mestre, e que este artista, em plena e fulgurante actividade é um valor nas artes plasticas em Portugal, como o seria na França ou em Espanha se lá vivesse. Eis tudo.

V. S.

A «THAIS»

A «Thais» é uma partitura que fpge ao processo xaropôso do autor da «Manon» e do «Werther», dando-nos um ambiente de misticismo sensual que é justamente o da obra de A. France. Nenhum outro espirito intepretaria melhor, musicalmente, o espirito do romance de A. France.

Este anno em S. Carlos não teve a «Thais» quem lhe puzésse em realce a sua belleza. O baritono Dufranne, cançado e sem gôsto artistico não pôde fazer mais do que um Athanael fantoche. Comprometeu o desempenho.

M.me Germaine Lubin, prejudicáda no equilibrio vocal e dos nervos por tal companheiro, entusiasmou o publico no final e foi applaudida por junto, não tendo querido a platéa sublinhar com applausos alguns belos trechos de musica e de representação. O tenor Laffite, um excellente Nicias, uma voz dôce e muito musical, um actor de gôsto. As comprimarias desvairádas e os córos soffriveis. Bailádos com novidades.

Mr. Gabriel Grovlez, muito seguro da partitura, parece ter ensaiádo pouco esta orquestra. René Bohet entusiasmou com a sua interpretação e o seu magnifico som na «Méditation».

A «CARMEN»

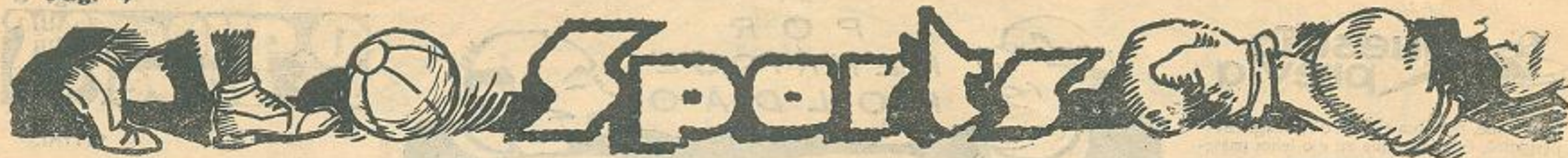
O desempenho da opera de Bizet teria sido muito rasoavel se a snr.a Beriza possuisse um pouco mais de voz. Actriz de muito bôa escola, deu uma bohemia com muito caracter, com bello gesto e lindo pisar.

O snr. Lapelletrie (D. José), agradou muito, e foi muito applaudido. Compôz muito bem o seu personagem e tem uma voz excellente. A snr.a Mardoal foi uma Micaela muito graciosa. E' dos melhores desempenhos que temos visto n'aquelle papel. O baritono Combe, mais baixo que baritono, foi um Escamillo acceitavel, se attendermos á difficuldade da sua parte da partitura. O publico um pouco frio. Parece-nos que a plateia de S. Carlos exige aos cantôres de opera exclusivamente as qualidades vocaes. E' um criterio antiquádo.

Este jornal fará sempre a critica a todos os livros dos quais forem enviados um exemplar a esta redação. Ficou encarregado desta secção pessoa da mais categorisada situação. Por hoje referiremos apenas a titulo noticioso o belo livro de Afonso Lopes Vieira «A Diana de Jorge de Montemor» em edição de aprimorado gosto e a obra de Antonio Cértima «Epopeia Maldita» que entrou triunfante no 3.o milhar.

Esta ultima obra traz uma primorosa capa do nosso brilhante colaborador Martins Barata.

MISTERIOS

— *Ó padrinho porque é que chamam a isto o coiro cabeludo?!*

Sports

LEGISLAÇÃO SPORTIVA

Colabora nesta pagina o nome brilhante do notavel "desportista„ Francisco Guedes.

Campeão português de atletismo, presidente da Federação portuguesa de box, secretario do Comité olimpico Português, Francisco Guedes, tem, e com a maior justiça, ocupado as mais altas e representativas situações dentro do "sport„ nacional.

A sua autorisada e desinteressada colaboração é-nos duplamente grata, esperando nós firmemente a sua freqüente companhia e o seu bom conselho.

Manda a verdade e a justiça que se diga: n'estes ultimos tempos mandaram os poderes constituidos para a gazeta oficial dois diplomas, que, só por si, representam uma importantissima protecção concedida ao sport nacional.

Com efeito a lei 1462 e a das expropriações colocaram-nos, de salto, a pár dos paizes em que o sport é tido como uma força prestavel, e de que os governantes cabe tirar partido. De longe vem nas grandes nações, o convencimento de que o sport é, cumulativamente um excelente tonico para a saude e para o espirito. E assim fomentando-o, quem governa, mostra o desejo de aproveitamento d'um importante factor de educação fisica e moral dos governadores.

Em Portugal — é dos nossos dias — o sport tem sido considerado como uma inutil palhaçada que leva ao hospital, e a gymnastica um pesadelo para os paes dos meninos que andam na escola. Felizmente as coisas vão-se modificando, para melhor, a pouco e pouco.

Mas porque o sport tem vivido ao abandono, n'um meio indiferente, para não dizer adverso, e mercê apenas de dedicações entusiastas, deixámos distanciar-nos enormemente.

E' preciso, com persistencia, fazer diminuir essa distancia. A intervenção protectora do Estado é um poderoso elemento de sucesso.

Dispõe a Lei 1462 que aos clubs de sport seja aplicavel a doutrina da lei 1290 de 1922, podendo portanto ser reconhecidos como de utilidade publica, isentando-os por isso de contribuições de bens mobiliarios ou imobiliarios.

A lei das expropriações, de mais recente pu-cação, proporciona a acquisição de terrenos casas para clubs de sport.

m muito pouco tempo o Estado compensou, grande parte, os prejuisos acumulados com absoluta indiferença e alheamento systico das coisas do sport. E muito natural- espera a compensação dos seus favores. bom será que os homens de sport, os as Associações pesem por sua vez o s compete fazer. Não se trata decerto grande festa, espectaculosa, d'um ban-com muitos talheres e muitos discursos. so são coisas bonitas, enternecedoras... tonicas.

e é para desejar é um impulso sério, uma politica menos politica e um traba-conjuncto eficaz. E' bom não esquecer, beneficios concedidos não representam, oluto, uma unanime convicção dos con-. Eles devem-se a uma acção enerlecidida, a um trabalho bem encami-cheio de fé, d'uma boa meia duzia de ue o Sport tem, e que os tombos da am ao poder legislativo. A sua dedi-nceu a rotina. Não é dificil imaginar que deve ter sido dura. E sem grande erro dizer que temos o Estado mais ven-e convencido. Devemos principiar por convence-lo..

cação das leis protecionistas tem que com muito cuidado, para o que é in-savel separar o trigo do joio; não con-tilidade publica com utilidade particular. ederações e clubs não podem conten-penas em dirigir o que se lhes apre-nas fazer uma propaganda proveitosa, n controle sanitario rigoroso. O sport deve merecer-lhes, ás Federações espe-te, uma grande atenção. Ele é a rte em que deve assentar todo o movi-E em materia de sport escolar quasi está por fazer. N'este campo, em boa de, temos retrocedido.

Creio que todos os Jornaes de Sport comentaram a noticia de ha dias, do emprestimo que a America concedeu á Finlandia, tendo Nurmi por fiador . . .

O exagero, d'um bom humor invejavel, é, no fundo, uma grande verdade. Os grandes atletas da pequena Finlandia, teem sido, seguramente, os seus mais habeis diplomatas.

E' brilhantissimo o exemplo.

O Governo Finlandez, quando exporta para os torneios internacionaes o seu famoso grupo de atletas tem a certeza de que acredita o paiz. A conducta d'esse grupo, disciplinado, sobrio, e rigorosamenre preparado, revela as qualidades d'um povo. Razão ha para pensar: um paiz que produz um Nurmi não falta aos seus compromissos.

Não queremos garantir que o sport basta para organisar uma sociedade, mas podemos afirmar que contribue para isso poderosamente.

Está convencido o Estado portuguez d'este principio? Creio bem que não. Tratemos de lh'o provar.

F. GUEDES

SILVA RUIVO

Um dos iniciadores do box em Portugal hoje afastado das luctas do ring, por incapacidade fisica e a quem os seus admiradores desejam oferecer um sarau de beneficencia, cujo realisação está pendente de acordos que caracterisam mais uma vez a indole da nossa raça.

ARNE BORG EM PARIS

O excelente nadador sueco Arne Borg, recordeman do mundo, realisou em Paris algumas provas, sendo digno de especial menção, uma corrida de 400 metros, em que lutou com uma equipepe de 4 nadadores, que á semelhança duma prova de estafetas, se revesavam de 100 em 100 metros.

Não obstante o valor dos seus antogonistas Borg triunfou com um avanço de 4 metros no tempo excelente de 5' 5" 2/5.

FOOT-BALL

Campeonato de Lisboa

1.º DOMINGO DA 2.ª VOTTA

O velho aforismo «os dias sucedem-se não se repetem» teve mais uma vez a sua confirmação.

O Casa-Pia que na 1.ª volta conseguira empatar com o Sporting, n'um jogo muito equilibrado, sofreu no 2.º encontro com o mesmo club, uma pesada derrota.

Os «liões» mereceram largamente o triumfo alcançado. Os seus medios trabalharam com afinco e alimentaram com criterio a sua linha de avançados. Estes efectivaram algumas triangulações judiciosas e foram precisos nos remates. Jaime Gonçalves, o meio-direito lionino, ainda que por vezes muito pessoal, foi um marcador eximio de bolas, tendo a honra de obter os quatro goals para o seu club, com pontapés tão bem orientados como imprevistos.

O onze casapiano não correspondeu á espectativa dos seus admiradores e jogou por vezes com absoluta falta de classe. A sua defesa foi posta á prova muito amiudadamente e de justiça é reconhecido que o seu trabalho foi por diversas ocasiões muito deficiente. O tris defensivo do Casa-Pia que tantas tardes de gloria tem proporcionado ao seu club teve influencia notoria no desastre do dia 11.

Com o triumfo do Sporting, o campeonato de Lisboa readquire maior interesse, pois os «liões» veem assim facilitada a sua missão e quiçá a posse do titulo de campião.

O Casa-Pia perdeu certamente um pouco de confiança na sua boa estrela; e a exibição do ultimo encontro deve preocupa-los sobre maneira, em atenção aos rijos desafios que ainda têm a disputar.

* *

Na II divisão, o Imperio não conseguiu mais do que um empate com o União.

A exibição dos dois grupos foi muito dificiente e as probabilidades de exito para o onze de Palhavã, diminuem de encontro para encontro.

* *

Na promoção, a declassificação do Bom Sucesso (por falta de campo) que marchava á frente da classificação, veiu deslustrar o torneio n'esta categoria.

O Hockey que ocupava o 2.º logar, passa a leader e confirmou a sua posição com uma victoria sobre o Operario.

OS JOGOS PARA HOJE

No encontro que esta tarde se realisa, os Belenenses e Bemfica lutarão com intuitos bem diferentes.

O 1.º citado procurará no triumfo a confirmação da sua posição de leader na 1.ª volta e o Bemfica tentará fugir ás ultimas classificações, legando no Victoria, a posse da «Lanterne rouge».

No 1.º desafio entre os dois clubs, os vermelhos foram derrotados por 2 e 1. Um empate teria traduzido com maior precisão a marcha do encontro.

A lucta d'hoje apresenta-se pois indecisa no mais alto grau e os rapazes de Belem não terão uma tarefa facil a desempenhar.

O Bemfica alterou ultimamente a constituição do seu onze, com nitidas vantagens e confia em absoluto nos resultados da 2.ª volta.

O encontro d'hoje confirmará ou não as suas boas esperanças.

Na II divisão, o Carcavelinhos Club bateu com relativa facilidade o Portugal, confirmando a sua posição.

O grupo d'Alcantara, constituido por elementos heterogeneos, mas muito trabalhadores, possue caracteristicos especiaes que o tornam sempre perigoso em campo.

A sua ultima tournée pelo Algarve é a confirmação do seu valor e das suas qualidades.

Na Promoção, atendendo á desclassicação do Sacavenense e do Bom Sucesso, o Hockey e o Ocidental marcam dois pontos.

Apenas se realisa o desafio Cruz Quebrada-Operario cujo resultado é dificil de prevêr, atendendo á igualdade dos dois grupos em litigio.

Correia Lea

Dirige a nossa pagina sportiva o engenheiro e professor sr. Correia Leal, redactor de O DIA e de OS SPORTS, figura de destaque no meio critico e jornalista

Atletismo

Os sports atleticos tiveram entre nós, o seu batismo oficial em 1910.

Nesse ano realisaram-se pela primeira vez os campeonatos nacionaes de atletismo, englobados n'um conjuncto de provas que os dirigentes d'então classificaram com o pomposo nome de Jogos Olimpicos.

Os resultados obtidos na modalidade, a que sempre dedicámos o melhor do nosso esforço, não foram surpreendentes, o que não é para admirar, caso tenhamos em consideração, que n'outros paises como a Inglaterra e a America do Norte, os seus campeonatos remontam de ha mais de cincoenta anos.

Estavam assim lançadas as bases d'uma nova era sportiva e tudo fazia prevêr que os nossos progressos seriam notórios, especialmente devido ás nossas qualidades de iniciativa e decisão.

Puro engano.

O sport não seria uma excepção e portanto os defeitos inerentes á sociedade portuguesa, deviam persistir mais ou menos acentuadamente na marcha do atletismo nacional.

Foi precisamente o que se deu.

De 1910 a 1915 os campeonatos nacionaes foram por assim dizer a unica prova anual de atletismo, com excepção dos concursos interescolares em 1913 e 1914 e do concurso do jornal «O Mundo» em 1913.

Com tão redusido numero de provas, os nossos atletas pouco ou nenhum estimulo possuiam para melhorar a sua fórma e os nossos maximos foram aperfeiçoados muito lenta e resumidamente.

A desinteligencia surgida entre o Sporting e a Sociedade Promotora de Educação Fisica Nacional, em 1913 tendo como consequencia lógica a fundação da Federação Portuguesa de Sports, com exclusão de alguns bons clubs, agravou fortemente a esperançosa situação desse ano.

No entanto, os campeonatos de 1914 e 1915 forneceram um acentuado avanço n'alguns saltos, mas a nossa participação na grande guerra, veiu barrar definitivamente todo o caminho fraçado.

Os campeonatos de atletismo não foram organisados em 1916, nem nos anos seguintes e no entanto, aqueles que pisaram os campos de batalha, não encontraram por lá grande numero dos nossos homens de sport.

Devemos fundamentar aquele interregno, não na falta de concorrentes devidamente preparados, mas sim, na inação e inepcia de grande parte de determinados elementos, que sem o estofo necessario, aceitam, no entanto, cargos de responsabidade, que assembleias gerães de reduzido numero e fraca pontualidade, lhes oferecem.

O pouco que se conseguira de 1910 a 1915, foi literalmente inutilisado pelo marasmo dos anos seguintes.

(Continua)

A. CORRÊA LEAL
engenheiro

Cinemas, teatros e circos

cá por dentro

— A companhia de «feeries» que este ano explora o teatro da Trindade será dirigida por Luiz Galhardo filho

— E' o actor Carlos Leal e não o actor Nascimento Fernandes que interpretará a figura de «Lagarto» na magica *Sonho Dourado* em ensaios no Teatro Maria Victoria.

— Os escritores Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa estão escrevendo uma fantasia intitulada *Torre de Marfim*, encomendada pela empreza exploradora do Teatro da Trindade.

— Duas das vagas de societarios do Teatro Nacional vão ser prehenchidas pelo actor Chaby Pinheiro e pela actriz Jesuina Chaby.

— José Ricardo e Ilda Stichini irão no proximo verão ao Brazil em «tourneé» organisada com alguns dos artista, que actualmente trabalham no teatro Nacional. Parece que Lino Fereira acompanhará essa *tourneé*.

— Nascimento Fernandes vae interpretar o *compère* da revista *Burro em Pé* de que em breve se fará uma reprise no Teatro Maria Victoria.

— Ainda este mez deve realisar-se no *Stadium* uma festa a favor da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro. Nessa festa haverá dois desafios de *foot-ball*.— Um entre auctores e actores e outro entre dois *times* de coristas.

— A peça *O Rato de Hotel* será representada no teatro S. Luiz.

— Consta que Estevam Amarante formará na proxima epoca de inverno uma companhia de declamação.

o momento teatral

Alexandre, mestre de mascara, galã da grande escola e actor completo, vai interpretar no Politeama a "Femme nue„ de Bataille. A sua personagem é "Pedro Bernier„— o artista plastico. A sua reaparição nos palcos lisboetas será o grande acontecimento da semana que hoje começa.

— Que pensa do seu papel?

— E' Alexandre que fala: Ha duas especies de personagens dramaticos: os que possuem eloqüencia verbal e portanto objectivação imediata, e os que vivem intimamente, desenhando-se mais pelas situações que lhes criam do que propriamente pelo que dizem. O papel de "Pedro Bernier„ não tem as grandes tiradas de "panache„ que dominam o publico. E' um papel intimo, subtil, feito de pequenas "nuances„, marcado por inplexões quasi apontadas, rico de concepção, e tão humano e tão sentido pelo seu auctor que apaixona sempre quem tem de o erguer na scena.

Depois desse exito monstro que foi o "E' preciso viver„ estou convencido que não esmorecerá o interesse do publico pela obra delicadissima de Bataille, bem doutro genero, mas tão cheia de sujestionadora belesa e flagrante verdade que hade atrair e conquistar.

lá por fóra

— «A Comedia» de Paris vai organisar um grande concurso de canto e declamação com 120.000 francos de premios.

— André Lang tem feito ultimamente uma campanha contra a invasão dos originaes ingleses e italianos nos palcos de Paris.

— «Três exitante» uma nova revista do «Concert Mayol agradou estrondosamente.

— Pedro Margina leu no Eslava uma nova producção que teve um grande exito de leitura.

— No teatro Femina representou-se a peça de Bernard Shaw «Man aud superman» o assunpto da peça é o eterno «D. Juan» apresentado duma forma paradoxal e nova.

— Henri Bernstein, afim de dar colorido á representação da sua nova peça «La galerie des glaces» em scena no Gyminase transportou ao palco toda a sua mobilia e fez construir um scenario que é a reconstituição da sua propria casa.

— Um auctor moderno português conseguiu fazer tradu uma peça sua por Homem Christo, a qual será talvez ainda esta época representada por uma «vedetta» franceza em Paris. A peça, aqui, quando representada foi muito cutida.

Os nossos colaboradores

HENRIQUE ROLDÃO

Revisteiro, comediografo, vivo e brilhante jornalista, nosso colaborador desde já

noites de primeira

«DICKY»

— Ha muito que o publico está habituado a encarar o teatro entre nós pelo seu aspecto real: o cómico,

A rir se representa, a rir se fazem peças, a rir se fazem criticas, a rir se compra o bilhete.

Não vale a pena, nem é possivel, ter pretenções de isenção e de justiça implacavel, num meio onde esta actriz está com fulano que é nosso amigo, representa no teatro de Cicrano que é tão pronto em bilhetes e tão largo em dar anuncios, faz um papel de Beltrano que é o «nosso querido camarada» da outra gazeta, andou comnosco no liceu e vae, de mais a mais, sempre no mesmo carro Gomes Freire com a gente. O publico, de resto já não faz caso das parangonas elogiativas ou das tundas de escachar.

Vae se gosta, torce o nariz se lhe cheira a estopada, e pronto.

Nessa conformidade, faremos aqui á bôa paz, uma critica leve, risonha ao que fôr aparecendo. Convem assim?

* * *

A peça que hontem o Nacional estreou é daquelas igrejinhas feitas com quatro cabeleiras de estopa loira; alguns cachimbos e a bôa disposição do publico que quer fazer a digestão do jantar.

Papel gentil e precioso de Stichini, distinção de Maria Pia, talento e um fato horrivel de Ribeiro Lopes, e mais um papel de José Ricardo, marcado com a inteligencia de sempre. «Dicky» vem ao cheiro de vinte mil dollars — com a desvalorisação da moeda tudo é possivel...

CINEMAS

Nos Condes, continua em pleno exito Laady Hamilton a grande super-produpão.

— No «Tivoli», o elegantissimo cinema, programas magistrais com as ultimas novidades cinematograficas e a «Fonte dos Amores».

Os nossos colaboradores

ARMANDO FERREIRA

Antigo critico teatral e jornalista distinto, nosso futuro colaborador da secção de teatro.

MARIA VICTORIA

O exito monstro: as «Onze mil virgens» alegria vivacidade, espirito popular e a encantadora «divette» Laura Costa em numeros de sensação.

«Pic-nic» revista féerie de Assunção Barboa e Abreu e Sousa. Brilhante conjunto da grande companhia Otelo de Carvalho. Graça, arte e alegria.

S. CARLOS

Noites de arte e mundanismo. Opera franceza com Gabriel Grovlez, primeiras figuras: Mm. Croiza e Mm. Beriza e Mrs. Combe, Lafite e Dufranne.

NACIONAL

DICK, peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini, Maria Pia e Ribeiro Lopes.

Conjunto equilibrado e brilhante.

S. LUIZ

A dança das libelulas, de Franz Lehar por Auzenda e toda a componhia.

Armando Vasconcelos. Alegria, linda musica e mise-en-scène brilhante.

APOLO

Amor de Perdição, peça eterna, creação magistral de Antonio Pinheiro no ferrador João da Cruz.

Espectaculo de grande emoção.

AVENIDA

Paris e Monte Carlo — opereta do movimento e graciosidadde pela companhia Satanela-Amarante. Admiravel creação do grande actor popular.

POLITEAMA

O grande sucesso da epoca passada. «A greve geral» por toda a companhia Amelia Rey Colaço.

Brevemente a «Femme Nue» de Bataile.

TRINDADE

Não ha espetaculo. Brevemente. a grande companhia franceza do Teatro do Porte-Sainte-Martin de Paris.

Peças de exito segur.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creançgrandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moder-

UM CAPITULO DE AVENTURAS COMPLETO

Os desaparecidos de Lisboa

QUANDO nessa noite entrei na redacção do jornal estava pouca gente para falar aos redactores. Como de dia se tivessem anunciado as senhas do bodo, havia ainda alguns pobres por atender, e fez-me especie, entre eles, vestida com decencia, uma mulher de negro, curvada sobre si mesma, como um mólho, como um farrapo, ao canto dum banco.

Era madrugada, quando de novo cruzei a antecamara deserta e esbarrei, já na penumbra das meias luzes, com o mesmo vulto da mulher de preto, na posição em que a deixara ao começo da noite.

— Quem é aquela mulher?

O continuo etresmunhado, elucidou:

— Está para ahi á espera do Sr. Director. Já lhe disse que não vinha hoje. É aquela mulher a quem desapareceu o filho. Diz que tem uma pista. A mim parece-me mas é matuta...

Dirigi-me á mulher e disse-lhe com carinho: — Volte a casa, tiasinha, o Sr. Director já não vem esta noite. É inutil espera-lo.

A mulher ergueu os olhos, e murmurou: Com certeza que já não vem?

— Não. Venha dahi comigo, e conte-me o que é isso do seu filho...

— O Sr. tambem escreve no jornal?

— Escrevo sim. E com um novo fulgôr a iluminar-lhe o olhar, a mulher, sacou uma fotografia pequena do seu saquito de veludo, e disse: E' este. Roubaram-m'o — e eu sei quem foi!

— Sei, tenho a certeza. Ajude-me a salvar o meu filho; o senhor no jornal

pode fazê-lo. Eu lhe contarei tudo o que souber.

Tinhamos descido a Rua da Barroca, a mulher, colada a mim, falava com maior convicção. O caso começara a aguçar a minha curiosidade de reporter. Entramos na unica leitaria aberta na Praça de Camões.

— Tome alguma coisa, — disse-lhe eu. Abancámos a uma mesa. Mas, a mulher de negro não me ouvia. A anciedade de falar, a esperança renovada no meu auxilio inesperado davam-lhe aos olhos reflexos metalicos. A' luz da loja examinei o retrato. Nós já o haviamos publicado com a noticia banal dos «desaparecidos». Era um garoto dos seus doze anos. Uma melena negra sobre a testa, a boca rasgada, os olhos em amêndoa. Por baixo a grossos e finos estavam escritas estas palavras: *A' sua querida mãe, Guilherme, 4 Outubro 923.*

Sem que eu dissesse mais nada a mulher começou logo:

— Eu lhe conto. E' preciso que o Sr. diga tudo no jornal, só assim ele terá medo. A historia é antiga, mas é preciso saber-se tudo, tudo! Esta creança é o meu unico filho — a minha unica esperança! Pareço-lhe uma velha? Pois tenho quarenta anos. Ralações, desgostos... Ouça-me cá. Eu casei — aos vinte, com o pae deste rapaz. Era cigarreira, na fabrica ao Beato. Sabe onde é... Ele era mais velho do que eu. Um «moina», sem eira nem beira — cabeçadas da gente... Viveu comigo três anos, depois, diz que para tentar fortuna foi «nisto» da emigração, para a Argentina. Lá, parece que deixou o vinho, e trabalhava. De mim, nunca quiz saber, mas para o filho, mandava dinheiro, e toda a sua ideia era que fosse para lá, ter com êle.

Ora, vai para um ano o meu marido desapareceu, fugiu duma grande fazenda argentina onde trabalhava, para que o não matassem. O caso é este: — sempre teve a mania das mulheres, e ao que parece meteu-se com as filhas do fazendeiro onde estava, homem muito rico; e o caso foi falado. Um cunhado meu que foi com êle, é que nos escreveu. A modos que o queriam matar como se fosse um cão. Eram duas irmãs, e o pae ficou como doido com aquela deshonra. Abalaram todos para a Europa, e o dito meu cunhado teve de fugir tambem porque o argentino amaldiçoou-o e jurou-lhe morte, onde quer que o encontrasse.

Ora ha uns 15 dias, o meu Guilherme, — que anda na Escola Rodrigues Sampaio — ao entrar em casa foi-me direito á janela, e como eu lhe preguntasse o que era, disse-me: Ó mãe, vocemecê, conhece aquele homem?

Fui ver. Era um tipo forte, de cara rapada, com um sobretudo assim com uma pele cinzenta, esquisita, como de mulher, e estava parado de fronte da porta. Assim que me viu disfarçou e seguiu pela rua abaixo.

Preguntei-lhe o que queria o homem e o meu Guilherme contou-me então. Logo que saira de manhã, aquele homem que era um espanhol dirigiu-se a êle, e preguntou-lhe se tinha noticias do pae, «que era amigo dele e sabia, pelas direcções das cartas que lhe via escrever, que era ali a morada da familia».

O Guilherme referiu o desaparecimento do pae, e o homem deu-lhe dois duros argentinos — como recordação, disse — e despediu-se, mas de longe foi-o seguindo até à escola, e à tarde da escola até a casa seguiu-o de novo..

Deu-me aquilo que pensar, mas como o homem não voltasse a aparecer, nós trocámos o dinheiro e eu supuz que fosse realmente algum amigo do meu marido.

Isto foi a uma quinta, fez ontem 15 dias, e o meu Guilherme não voltou a aparecer desde sabado.

A carta em que meu cunhado refere a perseguição do fazendeiro argentino recebi-a eu só dias depois dos senhores publicarem a noticia — e veja, veja o sr. — se não é horrivel, que esse homem seguisse e roubasse o meu filho, o mesmo que jurou morte a meu cunhado!

Veja que semana, que semana terrivel eu não tenho passado?

Em que consistirá a vingança desse malvado? Num inocente, numa pobre creança?

E a mulher, palida, mantinha o estranho fulgor no olhar.

— Sim, eu sei, por este miseravel papel, em que consiste a infamia. O meu filho, o meu inocente e querido Guilherme pagará toda a vida a maldição lançada sobre o pai! Leia, leia, e veja o que eu tenho sofrido...

Nas mãos tremulas a mulher estendia-me meia folha de papel de carta a que haviam rapado um timbre, amarfanhada e humida de lagrimas: Dizia assim, numa caligrafia roxa:

«El hijo de Ud. está bien y quedará mejor. Es igual y inutil hablar à la policia; un ratito más y se lo devolverá, sano y guapo, pero en estado de no sentir las tentaciones sinverguenza de su padre. Se le reserva la carrera de cura...

«La Justicia de Diós»

Dei um pulo na cadeira!

Seria possivel tanta infamia e tanta hipocrisia! Seria possivel esse crime hediondo a dois passos de nós, como se estivessemos não em Lisbôa, mas entre tribus selvagens, ou em plena edade media?

— Porque não foi já à policia?

— Fui — Ninguem me acreditou.

Começaram-se a rir. O agente que tomou conta de mim, disse-me que ninguem vinha da America aqui fazer mal ao meu filho — que ele devia andar a vadiar com os companheiros da escola.

Ontem fui lá com a carta e nem me receberam porque o agente está para fóra. As horas passam, e o meu filho, o meu adorado filho, ninguem o salva!

Vão-m'o estragar, vão-mo perder! Tenha dó de mim, tenha dó dele, meu senhor!

E caiu, com uma convulsão de chôro sobre o marmore da meza.

* * *

Eram 11 horas quando no dia seguinte, com um cartão da policia, eu entrei no hotel de l'Europe ao Camões. Interessara-me o caso, terrivel e tragico, do pequeno Guilherme, desaparecido em tão estranhas circumstancias.

Pedi a lista dos hospedes entrados e debalde, curvado sobre dezenas de nomes eu procurava o nome que pudesse ser o disfarce do argentino Pablo Moncada, que deixara duas filhas em Madrid, e em cujo passaporte, visado no consulado, eu verificara de manhã a nota de que regressara de novo a Portugal, precisamente no dia do desaparecimento do pequeno Guilherme.

Ter-se-hia inscripto o homem com um suposto nome? Onde estaria? O porteiro, afirmara que apenas uma familia espanhola já antiga, estava no hotel, e tudo o resto eram portugueses e brazileiros. No Palace, no hotel de Inglaterra, no Francfort não figurava nenhum individuo com tal apelido, e os espanhoes eram ás centenas. Era procurar o homem das «calças pardas»... Sai, desci o Chiado, eis-me no Rocio. Entrei na Monaco, a casa mais internacional de Lisboa. O «Carlos», activo e amavel lá estava atendendo eternamente toda a gente, com a mesma eterna pachorra.

De subito tive uma ideia.

— Diga-me uma coisa, aqui vêm muitos estrangeiros comprar jornais?

— Muitos.

— Ultimamente, lembra-se por acaso, dum homem alto, bem posto, espanhol, que tenha pedido alguns jornais argentinos?

— Não me lembro, são tantos fre-

guezes... No entanto deixe ver, os pedidos que ahi temos, de jornais permanentes — e foi percorrendo a lista. Ah, cá está, jornais argentinos. Tem um pedido — de sabado 27 da «Rason» de Buenos Ayres, aqui para o lado, para o Metropole.

— Tive um estremecimento. Sabado 27 tinha desaparecido o pequeno! — E para que nome?

. . . .

N. da R. — *Esta novela, cujo tema não é desconhecido de alguns informadores jornalisticos, conclue no proximo numero duma fórma emocionantissima e imprevista.*

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

OS «directos» de Bemfica e do Lumiar, como grandes vermes luminosos escorrem nos «rails», compactos e macissos, transportando aos lares distantes, todo o formigueiro que lucta. E sobre a grande fachada manoelina da Estação do Rocio, a mancha parda da tarde uniformisou os detalhes e invadiu a grande nave cinzenta do rez-do-chão. Dentro, na gare, extinguiram-se já as bichas dos rapidos da tarde, e só pelos cantos, maltezes e soldados que seguem nos correios da noite, esperam entre os sacos de retalhos, num barbaro acampamento de emigrantes, e roem a cõdea da viagem.

Vão-se cerrando os «guichés» dos bilhetes. Dentro, os chefes recebem os numeros de venda e as listas diarias, e comparam os preços e os resultados.

Quem, de fóra, ao lançar sobre o disco de metal dum «guiché» o preço dum bilhete, repara na curva dum perfil perdido entre cacifos de cartões, não sonha a vida que se vive nesses cubiculos — onde, alinhados, emassados, em resmas de bilhetes se conservam os paizes mais distantes e os destinos mais diversos, e o mundo todo, está ao alcance da mão, num bilhete kilometrico...

Não sonham nem sentem, os que passam de fóra, o contraste doloroso de quem, vivendo num cacifo acanhado, sem ar e sem luz, justamente pela cruel ironia do destino, vende a grande expansão e a viagem, o ar, a planicie e a montanha, quem vivendo a repetição e a monotonia de todos os dias, vende o imprevisto e o inédito das grandes excursões.

E' esse o destino de certas mulheres — as meninas do «guiché».

E é a historia triste — simples, dolorosa e verdadeira, de certa timida e triste menina do «guiché», que nesta hora da tarde, tem o seu silencioso epilogo, a um canto da Estação do Rocio, entre o movimento da gente, e o barulho do mundo, que eu comovidamente lhes repito.

Em 1917, Leonor S., filha unica dum oficial falecido em Africa, frequentou os primeiros anos do liceu feminino.

Era uma graciosa morena, pálida e magra, os dentes alvos, a boca fina. Caía-lhe numa onda larga o cabelo sobre a testa — como uma aza de côrvo, azul e negra. Sua mãe, viuva, doente, costurava em casa, e Leonor, trabalhava de tarde. A's noites a mãe e a filha, devotadamente, heroicamente, lutavam e venciam a vida de cada dia.

A' saida das aulas, desde o largo do Carmo até casa — um primeiro andar recatado a São Tomé, com sua nespereira na varanda e suas cortinas de folho branco — Leonor ia só, rapida, a pasta de colegial sob o braço, uma boina de veludo nos cabelos lindos.

Mas Leonor ia só. Nem ouvia sordidas graçolas dos soldados, nem os ingenuos madrigais dos estudantes ainda a tinham despertado. Um recato de pureza a defendia, e o seu ar triste, timido e suave, não suscitava os apetites mais vulgares.

Com as primeiras enxurradas de dezembro, a guerra no seu auge, desiquilibrada e incerta a politica, surgiram os rumores da revolução sidonista, e na tarde de 3 de dezembro, ao darem ás 7 horas as primeiras descargas da Rotunda, o reitor do liceu entrou precipitadamente nas aulas e aconselhou as alunas a recolherem a casa.

Leonor saiu. No Largo do Carmo, passaram a todo o galope, para a guarda dos ministerios os primeiros esquadrões, e atordoada a pequenita, desceu a calçada do Sacramento. Corriam com estrondo as portas onduladas, e a população fugia na escuridão das ruas; os electricos, com o fatidico «Santo Amaro», recolhiam num tragico baladar de campainhas ao «car barn». Do Arsenal saiam já marinheiros de carabina, e ao pé da Boa Hora, a guarda de serviço tinha formado com as armas engatilhadas.

A pequenita tremia — mas já ha alguns passos que desde a Ferrari, alguem a olhara e alguem a seguia.

— Está assustada? perguntou-lhe um rapaz muito perto.

— Se lhe parece, ainda tenho de ir para a Graça, e tudo já assim, cheio de tropa...

— Não tenha medo. Venha comigo. Eu vou para S. Vicente.

— Já não haverá carros?

— Já não ha, mas eu acompanho-a. E Leonor, maquinalmente agradeceu e seguiu, afogueada, o inesperado defensor.

Os soldados, ao portão do Limoeiro, para acalmar os presos, tinham feito descargas para o ar, e tremula, Leonor ao dobrar as Cruzes da Sé, sentiu a envolver-lhe a testa, e a esfriar-lhe as fontes, um suor glacial.

No entanto, nervosamente, os dois conversavam. O seu companheiro, era estudante. Não tinha ninguem em Lisboa, era da Beira e cursava medicina.

Leonor contou que vivia só com a mãe.

Henrique — porque o nome viera logo, ao começo — era tambem orfão de pai. A mãe mandava-lhe o que ele quizesse; felizmente tinham posses.

Ele podia até usar «dom» — e á luz dum candieiro mostrou um anel, de largo sinete, com o seu brazão trabalhado sobre uma pedra verde...

A' porta de casa, Leonor, enleada, mostrou num sorriso os seus dentes de jaspe, agradeceu e perguntou se ele queria falar á mãe. Ficaria para outra vez. Henrique pediu-lhe, já que tinham ficado amigos, se a podia esperar, logo que passasse «isto».

— Quando quizer... e Leonor subiu precipitamente a escada.

15 dias depois, tendo faltado á ultima aula para se encontrarem mais cedo, enlaçados os dois em S. Pedro de Alcantara, sob as promessas duma ternura eterna, desvairada, febril, Leonor acompanhou Henrique ao seu quarto de estudante. Todo esse fim de inverno floriu para os dois amantes como uma primavera eterna.

Henrique tinha aquele porte senhoril dos ultimos herois romanticos — «ce jeune homme pâle et mince»... As suas mãos — sobretudo essas mãos finas e nervosas, eram a paixão de Leonor — essas mãos onde brilhava o esmalte das unhas polidas, e o brazão de pedra verde, tinham uma aristocracia a que a sua carne plebeia e fraca não sabia resistir... Mas, com os amores das tricanas, com as ferias grandes, Henrique, egoista, novo, fugiu-lhe.

Leonor engravidara. Tudo foi uma semana de lagrimas e de desespero. Depois a vida exigia vida. Foi preciso trabalhar e esquecer. Mãe e filha sofreram o mesmo ultrage. A creança nasceu morta e com ela, no mesmo caixãosito de tarlatana branca, ficou, no Alto de S. João, um ramo de folhas secas, um retrato e algumas cartas de Henrique em papel «rosa». Enterrou-se tudo. Leonor, entre os sorrisos entendidos das colegas, perdeu o ano no liceu, e como a mãe adoecesse, um velho conhecimento da casa, meteu-a nos Caminhos de Ferro.

Decorreram 7 anos sobre a desgraça de Leonor — e ha 7 anos Leonor, dentro dum cacifo de «guiché» vende em silencio bilhetes de comboio. A primeira rede de fios brancos cruza-lhe os cabelos, a mancha violeta das suas olheiras alonga-lhe os olhos, e acentuou-se a curva, outr'ora finissima, da sua boca.

Veste de negro. Ha uma doçura mortal no seu olhar. De fóra ninguem a vê e ela, do mundo tambem nada vê.

Nada, não. Todos os dias, a todas as horas, centenas, milhares de mãos, de mãos apenas, passam, numa febre insaciavel pelo hemiciclo de metal do «guiché» Todo o mundo que viaja, todo o mundo que se diverte ou que trabalha, mãos rudes, mãos de trabalho, dedos finos, dedos doentes, sapudos, mãos boçais, manápulas de féras, e debeis mãos de creanças, tudo ali passa.

Do mundo ela apenas vê as mãos, mas os seus olhos dôces, que mais já não vêm, aprenderam ha muito a adivinhar, através os dez dedos de cada comprador, uma figura e uma psicologia.

Esta tarde, á hora azul em que a estação é toda uma massa cizenta, alguem pediu, ao hemiciclo de metal do «guiché», um bilhete para Madrid — e duas mãos finas, nervosas, unicas, duas mãos longas, osseas, aristocraticas, com suas unhas de esmalte de corte redondo, e um largo sinete de brazão sobre uma pedra verde, apareceram premindo uma nota...

Leonor estremeceu. O seu braço lentamente estendeu-se para o cacifo dos cartões, mas os olhos, hipnotisados, extacticos, absortos, ficaram sobre os dedos palidos...

O passageiro impaciente, debruçou-se sobre o «guiché», e olhou então: amarfanhada sobre o angulo da «cabine», a boca torcida num sorriso unico, estava uma mulher desfalecida...

Foi Henrique quem fez o alarme e lhe prestou o primeiro socorro. Uma hora depois, tendo-a já deixado na sua enfermaria do hospital, o medico entrou na pequenina casa de S. Tomé. Um mundo de recordações lhe passava no cerebro e lhe agitava a respiração ao transpor o limiar daquela porta — e no entanto se ele não ia como outr'óra feliz, tinha a certeza de que a sua presença iria levar conforto e esperança.

A convalescença de Leonor, foi longa e dôce.

E quando uma manhã, ela e Henrique puderam ir finalmente ao «guiché», de fóra, pedir um bilhete, para a liberdade e para a Vida — nas palidas mãos de Leonor havia já tambem a mancha dum anel verde, com um sinete de brazão...

O Homem que passa

O DOMINGO ilustrado

Consultorios

O medico

O termo «consultorio», na acepção que o publico leitor de jornais entende, é improprio para esta secção cujo fim fundamentalmente orientadôr a torna apenas uma etapa do caminho do doente ao especialista que o tratará.

Alguns momentos de ponderação bastam para vêr claramente que do curto relatorio duma carta dum doente nenhum médico póde ajuizar, com criterio seguro, o estado do queixôso, e portanto instituir um tratamento que seja não só apropriádo á sua doença como tambem compativel com outros estados accidentais ou outras doenças concomitantes.

«Só diagnostica bem quem bem observa», escreveu um dos chavões da clinica. E todos acreditam facilmente quão dificiente será a observação duma pessôa que apenas se queixa por escripto, a quem o medico não vê, nada pregunta, de quem nada observa.

Evidentemente que ha uma especie de clinica — a das doenças nervosas e mentaes — em que pódem ser feitos os diagnosticos certos apenas com a leitura do relatorio que os proprios doentes, com uma prolixidade mórbida, escrevem em paginas de magnifica autobservação e de controle e registo psicologico de minuto a minuto.

E' certo tambem que a frase «ha doentes, não ha doenças», pretendendo afirmar que não ha dois casos de doença que sejam eguaes, não é tão absoluta como quer ser. Todos nós, medicos, fazemos o diagnostico de meia duzia de doenças comuns, apenas por duas ou tres queixas do doente. Mas, por causa dessas doenças, raramente procuram os doentes o medico. Para esses casos, pouco util será portanto o consultorio do *Domingo ilustrado*, embora para eles esteja egualmente aberto.

E' o papel orientadôr aquele que a este cabe. Quantos doentes não perdem tempo e dinheiro — e os medicos, no dizer do publico, embora dele discordêmos, estão tão caros! — andando de séca e méca, de Herodes para Pilatos, fazendo a primeira consulta com o medico A, que o mandou a B para uma analise, que o recambia a A com o resultado desta, e que o manda ao especialista C, que faz o diagnostico e o manda tratar com D, por exemplo e na melhor das hipoteses!...

Ora o doente nestas condições que logo de principio tivésse expôsto o seu caso ao medico do *Domingo ilustrado*, teria sido imediatamente aconselhádo a fazer a analise e dirigido ao clinico que lhe faria o tratamento necessario, pois d'um modo geral, essa orientação é facil de realizar após a simples queixa do doente. Na economia que daqui resulta está a intenção deste consultorio e a sua razão de existencia.

Não sômos aqui os propagandistas dos clinicos X, Y ou Z, nem dos metodos de tratamento com aguas, com pós, com luzes ou com fricções. Estamos relaciondos com todos os centros medicos do paiz e com todas as escolas terapeuticas, conhecemos claramente os valôres de cada um deles e de cada uma delas, e procuraremos ser uteis, acima de tudo, e unicamente, aos nossos leitorès e consultantes.

Que cada um, pois, exponha o seu caso, em carta fechada dirigida ao *Consultorio Medico do Domingo Ilustrado*, acompanhada de uma nota de 1 escudo, para despezas de expediente. A resposta será aqui publicada sob a mesma rubrica que assinar a carta consultante.

Com tanta frequencia quanta fôr necessaria, inserirá o consultorio elucidações e conselhos sobre assuntos de higiene e de profilaxia individual, de acôrdo com as exigencias do estado sanitario do paiz e de cada cidade por si — pois temos notas da sanidade de todo o paiz, servidas regularmente pelos nossos correspondentes das provincias — e de acôrdo com o movimento scientifico do estrangeiro e de Portugal.

O MEDICO DO DOMINGO ILUSTRADO

O advogado

Na confusão das leis modernas, alteradas todas as 3.as 5.as e sabados, a missão do advogado evoluiu, senão já sob o aspecto das grandes orientações juridicas, pelo menos no caracter dos conselhos imediatos a cada caso que lhe é apresentado. Anda tudo a correr, e a vida tumultuária e contingente, transforma-se na sua estructura e na sua fisionomia a cada minuto que passa.

Longe de nós a pretenção de nesta pequena coluna destinada aos conselhos e ás consultas do advogado, querer acompanhar qualquer questão longa ou detalhada.

O nosso fim é apenas responder, em meia duzia de linhas concisas, a uma pregunta que nos seja feita, com respeito ao modo de encaminhar qualquer assumpto.

Especialmente o inquilinato, as leis militares, as leis comerciais, mudam a cada passo. Quem mora fóra dos grandes centros e não tem facilidades de comunicação com pessoas aptas a responder-lhe ás suas dificuldades, ou quem não esteja disposto a dispender uma consulta para um caso que reputa insignificante pode-se-nos dirigir com toda a confiança. Responderemos a todas as cartas gratuitamente, pedindo apenas que se lembrem dos pobres do «Domingo ilustrado», com qualquer importancia por mais insignificante que seja

O JUIZ OD "DOMINGO ILUSTRADO"

O professor

Esta secção é para o curioso, o estudante, o aplicado, a creança, o homem que gosta de saber o «porquê» e o «para quê» das cousas.

Responderemos nela a todos os que se nos dirigirem *sobre qualquer assumpto*, e alem disso, em pequenas e despretenciosas prelecções ensinaremos o que vier a «talhe de fouce».

«Lições de coisas» lições de aspectos, lições do que ninguem sabe e toda a gente devia saber.

Faremos dela uma enciclopedia elementar e de divulgação. Quem juntar os numeros deste jornal terá em pouco tempo, nesta secção, alguma coisa de util e, por ventura, alguma coisa de inedito.

Todas as cartas que nos dirigirem deverão vir acompanhadas duma importancia qualquer, minima que seja, o que nos queiram dar, e que será, pela administração do jornal entregue aos nossos pobres.

Todas as preguntas deverão ser feitas concisamente, excluindo-se, naturalmente desta secção as que pertençam a outros consultorios.

Recorreremos rapidamente a qualquer amigo especialisado no assumpto da pregunta, quando ela estiver pela sua natureza fóra da nossa cultura geral, e assim, sem pretenções, estaremos apetrechados a prestar serviços, de facto uteis.,

Até de hoje a 8 dias, com as saúdações de

O PROFESSOR DO «DOMINGO»

A modista

Nesta secção a leitora encontrará sempre, com um sentimento de oportunidade que esperamos seja permanente, a novidade do dia e o conselho, amigo e util, sobre o que lhe possa interessar. Responderemos a todas as consultas por intermedio do *Domingo ilustrado* desde que os pedidos venham acompanhados de qualquer insignificante quantia, que destinamos inteiramente aos nossos pobres.

Sobre transformação de vestidos, sobre tecidos da moda, indicações de sociedade e a tudo quanto uma mulher elegante não deve ignorar de maneira alguma, responderemos aqui.

Na nossa pagina feminina, indicaremos com segurança e sinceridade aqueles productos de beleza que o são realmente, não estragando. antes aformoseando a pele e melhorando o organismo.

Sobretudo ás nossas Ex.mas leitoras da provincia julgamos prestar um optimo serviço, 'neste campo, visto que, não fabricando nós drogas que queiramos impingir como milagrosas, estamos á vontade para aconselhar aquilo que seja realmente eficaz.

Chamamos ainda a atenção para a nossa secção de *Compras em Lisbôa*, pela qual qualquer senhora pode encomendar tudo que desejar, por intermedio do nosso jornal, sem mais encargos nem despezas. Falta-lhe uma porção de tecido para um arranjo, um pedaço de fita, de renda, de tule ? Não tem mais que enviar uma amostrinha e dizer o local e preço a que quer que se compre, remetendo a importancia em vale.

E' inutil acentuarmos que a tudo presidirá a maxima seriedade, como é proprio duma empreza grande, da natureza de O «Domingo ilustrado».

Temos para este efeito, á semelhança dos jornais extrangeiros empregados proprios.

E, até Domingo.

GIOCONDA

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado. Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 1

J. Hartong

Primeiro premio (America)

Pretas (4)

Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

A coluna de xadrês mais completa, desenvolvida e bem feita que se publica é de l'Éclaireur du Soir, jornal quotidiano, editado por l'Éclaireur de Nice, Avenue de la Victoire, 27, 29—Nice.

Esta coluna que ocupa o espaço de um folhetim é redigida pelo campeão francês Georges Renaud e pode asisnar-se para ela só por trinta francos por ano.

Jogo das Damas

PROBLEMA N.º 1

(De J. Eloy Nunes Cardozo)

Pretas

Brancas

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Vida académica

Esta secção, que versará todas as questões e tratará d todos os assuntos relativos á vida académica, dará guarida aos legitimos interesses das Associações escolares e far-se há eco das suas justas aspirações.

Procuraremos interessar o publico leitor pela levantada obra de extensão universitária, de que são manifestações evidentes a recente criação da cadeira de Estudos Camoneanos e as iniciativas de largo alcance promovidas pela Associação Academica de Faculdade de Letras.

Destinada esta secção a recolher noticias e impressões de tudo quanto se passar nos meios escolares, para a sua redacção foi indicado o modesto nome dum academico universitário que, nem por isso, deixará de tributar importancia e simpatia equivalentes, aos estabelecimentos de ensino fora do âmbito da Universidade. Todos êles são — na opinião dum conhecido escritor — oficinas onde se moldam caracteres e se temperam corações.

Expôsto isto em guisa de programa-sumário, é com justificada satisfação que saüdamos todos os elementos componentes da mocidade estudiosa, que pensa e que trabalha, os quais como soe dizer-se serão os detentores do leme da governação pública e as inteligências futuras orientadoras dos destinos da nação de amanhã, saüdações que tornamos extensivas á imprensa académica.

SESSÕES DE ARTE

Ultimamente teve lugar no Conservatorio Nacional de Musica uma sessão de arte, na qual o aluno da Faculdade de Direito sr. Guilherme de Morais falou sôbre a fundação do teatro Nacional, fazendo avultar o valor dos «Autos» de Gil Vicente. O sr. Eduardo Libório da Associação Académica do Conservatório, expôz o papel de José Haydn na constituição das formas sinfónicas do seculo XVIII, trabalho que acompanhou da execução ao piano de algumas composições notáveis dêsse século.

TARDES DE LETRAS

Promovida pela Associação Académica da Faculdade de Letras realizaram-se já duas conferencias.

A sr.ª D. Maria Albertina do Couto, distinta aluna da Faculdade, subordinou a sua interessante conferência ao tema «A Marquesa de Alorna e a Literatura», tendo pôsto em relêvo o perfil literário da formosa *Alcipe*, a maior poetisa do periodo arcádico.

De grande valor pedagógico foi a prelecção do ilustre professor sr. dr. Vieira de Almeida, que percorreu várias correntes filosoficas e analisou algumas concepções sôbre o «valor da indeterminação no pensamento humano».

Tambem da iniciativa da Associação Académica se devem inaugurar ainda êste mês as «Tardes de Letras», recitais a que está destinado o maior êxito e que apresentam um alto signijicado que desnecessário será encarecer.

Lisboa, 9 Janeiro 925.

Adolfo de Castro

Carta de Paris

Uma empreza de Lisbôa — O «Domingo Ilustrado» pretende que semanalmente escreva e envie ás senhoras portuguezas as minhas impressões pessoaes sobre a moda parisiense do momento — como se este Paris não fosse voluvel e incerto como a cabecita de certas «midinettes» que aqui giram á nossa volta.

Escrever sobre a moda é mais serio do que á primeira vista parece.

Remeter-lhes todas as semanas uma indicação que na semana seguinte se desmente ou se modifica, parece-me inutil e inglorio.

A ULTIMA SILHUETA DE GRANDE MODA — Poiret acaba de lançar com imenso exito no teatro Sarah Bernardt este modelo que evoca flagrantemente os figurinos do ultra-romantismo de 1880 será a futura orientação da moda ?

A moda não é tudo quanto a fantasia dos costureiros — sejam eles Poiret ou Lúcien Lelong, lança para o mundo das elegancias — a moda é disso tudo aquilo que fica... para se modificar...

E' pois preciso sintetisar, enviar a todas as senhoras portuguesas aquela informação de gosto seguro e firme que as possa orientar, antes mesmo de gastarem a pequena fortuna que hoje custa uma edição proibitiva da «Vogue» ou da «Femina».

E, para não perder tempo comecêmos desde já a aproveitar as preciosas linhas desta pagina e a inspiração desta hora do declinar da tarde em que o grande Paris tumultua, com as entradas para os chás e o começo da saida as oficinas.

Não começaram ainda as grandes recepções de inverno em Paris. No entanto, sobretudo nos teatros e nos «dancings» podemos tcolher desde já qualquer aspecto.

São a nota dominante os vestidos muito curtos para a tarde e para a noite. De noito, os tecido «récamés», de «cheville», de metal, palhetados a ouro ou prata, de contas, de fantasias coloridas e de cristal, tudo que revele a sensualidade de côr oriental, está em pleno fóco.

Nas «toilettes» mais modestas estes adornos são substituidos por bordados de desenho muito cheio, a lãs e sedas de tonalidas variegada se fazendo as mais bizarras fantasias coloristas. As grandes tunicas, inteiramente descoladas do corpo usam-se apenas sobre os vestidos de pregas, flexiveis e que se prestam a pequenas «draperies». As «plumas» são um elemento de novo em plena voga. Pode dizer-se que existe um verdadeiro ressurgimento deste adorno. Presentemente em Paris ha sete fabricas que estão adoptando e tranformando muitas confecções de plumas «demodées» e que ressurgirão com inteiro sucesso.

E' vulgarissimo, tanto uns chás elegantes, como nas «premiéres», e mesmo nos simples espectaculos da moda, o aparecimento de «toilettes» em «crépe de chine» de tons vivos, largamente decoradas de «passamenteries» de plumas de todos os tons imaginaveis. Sobre as *toilettes* de rua, a novidade deste meio inverno está no emprego de algumas peles até agora só raramente usadas, a pantera, o macaco australiano e a cabra e gata bravas, em dado lugar a admiraveis modelos. A pele de coelho continua no grande tom, aparecendo tinta em todas as «nuances» aplicada sobre os mais ricos tecidos, como se fôra a lontra, a marta ou a «taupe»...

Em duas palavras pois, poderia resumir-se assim a nota dominante desta semana da moda.

Sahidas de noite: fantasias orientais em ouro prata, cristaes, perolas e pedrarias, tecidos de tons policromos e «broderies» em seda e lã.

Vestidos de manhã: «trotoirs» «taupe» guarnecidos a pele simples.

Poiret, acaba de lançar no teatro Sarah Bernardt um novo modelo que alcançou um exito enorme, a que chamou «Mac-Mahon». E' flagrante a sugestão do modelo antigo sobre o modelo moderno, onde permanece a grande linha de laços, de fitas e de rendas, que fez o encanto da juventude das nossas mães.

Paris 12 de Janeiro.

ALICE ROSEMONDE
«modeliste»

AMPARITO MEDINA

AMPARITO MEDINA CUJA ARTE E CUJA ALEGRIA ENCHE DUMA AUREOLA BRILHANTE AS MAGNIFICAS SALAS DO BRISTOL CLUB TOMA PARTE NO «CHÁ-TANGO» DE HOJE, TANTO BASTA PARA SE PODER AFIRMAR QUE Á ELEGANTISSIMA CASA DE DIVERSÕES, QUE TODA A LISBOA MUNDANA CONHECE, NÃO FALTARÁ O ELEMENTO MASCULINO E O FEMININO EM RUIDOSO CONCURSO DE PRAZER, FESTEJANDO A ARTISTA E AMENISANDO A EXISTENCIA COM AS HORAS DE DISTRAÇÃO QUE ESTA TRISTE VIDA CONDEDE

1 — "Robe" de noite em crêpe branco. Barra em "creponné" de seda bordada tom ouro e laca ver-2 — modelo "Chrisanthème". "Robe" de mussalina de seda, plissado, sobre fundo de prata "lanice". 3 — "Robe" de passeio, em crêpe negro, guarnecida de crêpe amarela e verde résida. 4 — "Robe habillé" em musselina de seda, coberta com uma tunica de veludo branco friso gravado, ultima creação. 5 — Capa em veludo "saphir" com barra preta e gola em "chinchilla".

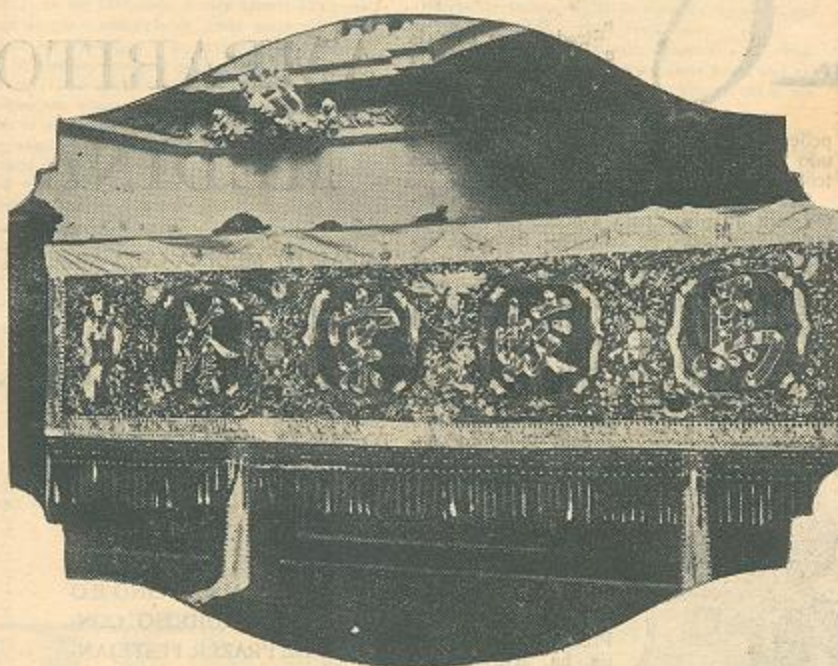
Actualidades gráficas

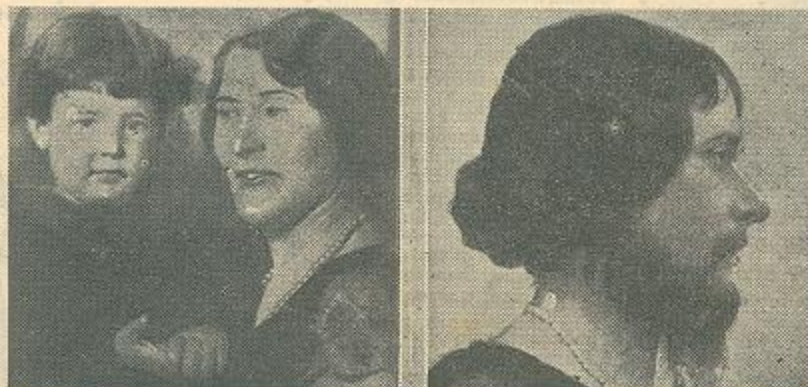
MALHEIRO DIAS

O GLORIOSO ESCRIPTOR QUE DESDE HOJE COLABORA NAS NOSSAS PAGINAS E CUJA COMPANHIA SERÁ SEMPRE ORGULHOSAMENTE REGISTADA NAS NOSSAS COLUNAS

O CARNAVAL DESTE ANO

UMA MASCARA MODERNA LANÇADA PELOS GUARDA-ROUPAS DE PARIS—A MASCARA PICARSO. MODERNA E BARATA: ALGUMAS CAIXAS DE COLARINHOS, UMA LUVA DE POLICIA, ARAMES E UMA CERTA E AUDACIOSA ELEGAECIA

UM PRESENTE AO PARLAMENTO PORTUGUÊS

UM GRUPO DE COMERCIANTES CHINEZES RESIDENTES EM MACAU OFERECEU AO NOSSO PARLAMENTO UMA BEIRE DE MARAVILHOSOS PANOS BORDADOS A OURO QUE FORAM COLOCADOS NA SALA DAS SESSÕES. É ADMIRAVEL O PRESENTE E A SUBTILEZA DOS ORIENTAIS: SABIDO QUE O NOSSO PARLAMENTO PASSA Á VIDA EM CHINEZICES ESTE PRSENTE É UM ACHADO DE OPORTUNIDADE

OS MISTERIOS DA NATURESA

A ELEGANTE DAMA DA ESQUERDA É A MESMA MONSTRUOSA MATRONA DA DIREITA—SEM BARBAS. TRATA-SE DE FRAN TWYMAN UMA ALEMÃ A QUE TODOS OS JORNAIS DE BERLIM SE REFEREM, PELO FACTO INEDITO DE LHE TER CRESCIDO A BARBA DE REPENTE. E' CASO PARA AS NOSSAS LEITORAS TOMAREM CUIDADO, VENDO AS BARBAS DO VISINHO A CRESCER ...

ROQUE GAMEIRO

O EMIOENTE MESTRE DA AGUARELA QUE, DARÁ AO DOMINGO ILUSTRADO UMA COLABORAÇÃO ASSIDUA!

LUIJI PIRANDELLO

O AUTOR DRAMATICO MAIS REPRESENTADO EM TODO O MUNDO DURANTE A PRESENTE EPOCA TEATRAL, E CUJOS DIREITOS DE AUTOR, SEGUNDO UM JORNAL FRANCÊS ATINGIRAM O ANO PASSADO A LINDA SOMA DE UM MILHÃO DE LIBRAS.

MASCARAS... DE BELEZA

A DA ESQUERDA É A MASCARA N.º 1, RADIO-ACTIVA. PARA SER DELICIOSO A UM MARIDO ENTRAR EM CASA E VER A ESPOSA COM A CARA EM REPARAÇÕES, USANDO O TAIPAL N.º 1...

PUBLICIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

UM EXITO DE LIVRARIA

LEITÃO DE BARROS

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

(LIVRO UTILISSIMO A TODOS)

4.º MILHAR Á VENDA

Pedidos á PALETA D'OURO

RUA DO OURO, 72 — LISBOA

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes *(URROS)* L.da

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

BREVEMENTE NOVA REMESSA

DOS ULTIMOS MODELOS

LIGEIRO (STANDARD-SIX)
MEDIO (SPECIAL-SIX)

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

C. SANTOS LTD.

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º

PREVENÇÃO

A PIANOLA

É UM NOME REGISTADO EXCLUSIVO DA THE ACOLIAN C.º L.DT

São depositarios e representantes exclusivos

P. SANTOS & C.ª

SALÃO MOZART

52, R. Ivens, 54 — LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º — LISBOA

TELEF. N. 908

DOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quados da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

PAPELARIA Paleta d'Ouro

RUA AUREA, 72 — LISBOA

COLOSSAL SORTIDO DAS ULTIMAS NOVIDADES DE PINTURA, DESENHO E ARTE APLICADA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

LIVREIROS-EDITORES

TELE { *FONE C 1084* / *GRAMAS — LIBERTRAN — LISBOA* }

FORNECIMENTOS E INFORMAÇÕES DE TODAS AS PUBLICAÇÕES NACIONAES E ESTRANGEIRAS. NA VOLTA DO CORREIO SÃO ENVIAOS TODOS OS LIVROS QUE LHES SEJAM PEDIDOS, A COBRAR OU MEDIANTE A IMPORTANCIA ACRESCIDA DO PORTE

SEMPRE GRANDES STOCKS DE NOVIDADES NACIONAES E ESTRANGEIRAS

OS LIVROS EXTRANGEIROS SÃO VENDIDOS AO CAMBIO DO DIA!

Depositarios e correspondentes em todo o continente, colonias e estrangeiro

---

Guarda Roupa CRUZ

EXPLENDIDO STOCK TODO RENOVADO DE FATOS DE CARNAVAL

RUA DO MUNDO — LISBOA

Armazem e garage explendidos

ALUGA-SE BARATO

RUA DA EMENDA, 69, r/c., DIZ-SE

ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» ete. etc.,

Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.

O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Inglesa].

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A PARADA DA FOME

Bandos de operarios percorreram a cidade pedindo pão com que matassem a fome. E' um espectaculo desolador o que oferece uma sociedade que não consegue assegurar a existencia dos que produzem. Sem revoltas e sem excessos contraproducentes, todos temos o dever de arrumar melhor a vida. Por detraz de cada homem está um lar—e se o patriotismo é alguma coisa mais do que uma imagem de retorica—façamos lares felizes para que a patria possa viver.